



Apresentação

Milene de Cássia Silveira Gusmão
Rogério Luiz Silva de Oliveira
Raquel Costa Santos

Dossiê Cinema e Audiovisual: entre o sensível e o reflexivo

Milene de Cássia Silveira Gusmão*
Rogério Luiz Silva de Oliveira**
Raquel Costa Santos***

*Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Docente do Bacharelado em Cinema e Audiovisual e do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Analista universitária da mesma instituição, atuando como coordenadora-geral do Programa Janela Indiscreta Cine-Vídeo Uesb. Líder do grupo de pesquisa Cinema e Audiovisual: Memória e Processos de Formação Cultural, vinculado à UESB, e pesquisadora do grupo Cultura, Memória e Desenvolvimento, vinculado à Universidade de Brasília. E-mail: mcsgusmao@gmail.com.

**Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Docente do Bacharelado em Cinema e Audiovisual da mesma universidade. Pesquisador dos grupos Cinema e Audiovisual: Memória e Processos de Formação Cultural, vinculado à UESB, e Cultura, Memória e Desenvolvimento, vinculado à Universidade de Brasília. Faz direção de fotografia de trabalhos audiovisuais e ministra oficinas de iniciação à fotografia. E-mail: rogerioluizso@gmail.com.

“Pois o cinema exige que se fale dele. As palavras que o nomeiam, os relatos que o narram, as discussões que o fazem reviver – tudo isso modela sua existência real”. Se tomamos como certas as palavras de Antoine de Baecque (2010, p. 32), eis que esse dossiê se destina a falar de cinema. Dele e suas interfaces, conexões ou desdobramentos, a partir de olhares que se direcionam para obras, trajetórias e práticas.

Intitulada *Cinema e Audiovisual: entre o sensível e o reflexivo*, esta edição baseia-se em dois eixos expositivo-analíticos complementares na apresentação dos artigos: a partir de conexões teóricas interdisciplinares com áreas como a filosofia, a geografia e o teatro, os autores tomam obras

cinematográficas como mediadoras das suas leituras; e trajetórias ligadas ao cinema, seja de um cineasta ou de um cinéfilo-cineclubista, compõem análises que também evidenciam a articulação do cinema com outras áreas do conhecimento.

A publicação reúne, também, formas narrativo-expressivas como produto mesmo da criação técnico-artística – um documentário audiovisual e um ensaio fotográfico – ou como registro autobiográfico a partir do recurso da entrevista. São trajetórias relacionadas ao discurso fotográfico e a práticas associadas ao que o pensador Vilém Flusser (2002, p. 5), em sua *Filosofia da Caixa Preta*, chama de imagem técnica ou “imagem produzida por aparelho”. Esses *arquivos* ou espaços dedicados à relação trajetória-imagem evidenciam modos de utilização da fotografia como expressão do pensamento.



Milene de Cássia Silveira Gusmão
Rogério Luiz Silva de Oliveira
Raquel Costa Santos

***Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Analista universitária da UESB, atuando na coordenação do Programa Janela Indiscreta Cine-Vídeo Uesb. Pesquisadora dos grupos Cinema e Audiovisual: Memória e Processos de Formação Cultural, vinculado à UESB, e Cultura, Memória e Desenvolvimento, vinculado à Universidade de Brasília. E-mail: quelcosta9@hotmail.com.

Na seção Memórias de Pesquisa, são apresentados outros itinerários, desta vez alinhados a interesses de estudos pautados na relação entre cinema e memória, tanto de mestrandos e doutorandos ingressos no projeto temático “Memória, Cinema e Processos de Formação Cultural”, vinculado à linha de pesquisa Memória, Cultura e Educação do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, quanto de integrantes dos grupos de pesquisa Cinema e Audiovisual: Memória e Processos de Formação Cultural, da mesma universidade, e Cultura, Memória e Desenvolvimento, da Universidade de Brasília.

No primeiro artigo, intitulado “Cinema documentário e autobiografia: a construção do depoimento pessoal a partir da memória social”, Sara Martin Rodrigues discute o lugar do cinema como mediador ou portador do diálogo entre ficção/imaginação e realidade/verdade, ponderando acerca do estatuto destas em sua condição de

construção discursivo-narrativa e da relação entre elas. Trata especialmente do documentário como lugar de memória, não deixando de considerar a interdependência entre expressões humanas e estruturas sociais e de poder de que são produto e, ao mesmo tempo, produtoras. Aborda o método anti-ilusionista, autorreflexivo e metalinguístico do cinema documental de Eduardo Coutinho, que não pretende, entretanto, a imparcialidade, e toma o filme *Jogo de Cena* como objeto de análise, a partir da relação entre memória e os depoimentos/testemunhos como elemento-chave do filme, a partir da premissa de que ambos se constroem por lembranças, esquecimentos, atualizações e fabulações.

A seguir, pensando na cidade e no cinema como espaços de criação e expressão, de sensibilidades e sociabilidades, Mirela Souto Alves, em “A cidade-memória: a Salvador de A Grande Feira”, trata das aproximações entre eles, para explicitar como se intercambiam seus registros por meio da memória. Parte do filme *A Grande Feira*, de Roberto Pires, para analisar uma cidade-memória

(re)lida e (re)construída na obra cinematográfica, relacionando paisagem e imagem como objetivação das subjetividades, sensibilidades e significações humanas, no contínuo construtivo sócio-histórico e cultural, temporal e espacial, de memórias compartilhadas e jogos de poder. É imprescindível, para a autora, considerar que, se a obra explicita os olhares, memórias e atitudes dos personagens, ela só é possível a partir do acervo mnemônico do seu criador e, de algum modo, da sua intenção memorialista, não deixando, por ser individual, de ser também social.

Paulo Henrique Alcântara, no texto “*Édipo Rei*: considerações sobre a versão de Pasolini para a obra de Sófocles”, explora as características da composição trágica, explicitando, especialmente, os pontos-chave da narrativa clássica *Édipo Rei*, para pensar em como o cinema a apresentou, sob a criação de Pier Paolo Pasolini. O autor mostra, comparativamente à peça teatral, a reordenação dos fatos no roteiro cinematográfico, na opção pela linearidade da vida do personagem, ao invés, como ocorre na matriz grega, da sobreposição da

importância da própria tragicidade dos acontecimentos à ordenação deles. Apresenta, ainda, as aproximações e divergências entre as obras, ponderando acerca das propriedades da adaptação como transcrição, recriação ou mesmo traição, segundo as necessidades de ajustes na linguagem e no meio, que, por sua vez, exigem específicos protocolos de leitura ou apropriação.

Euclides Santos Mendes, em seu artigo “Um retrato de Fellini como artista”, explora traços biográficos de Federico Fellini, associando-os à análise da criação do cineasta – especialmente de filmes como *Oito e Meio* –, a partir da qual trata de potenciais relações que podem ser pensados em tríades, como a que o próprio autor apresenta: sonho, inconsciente e arte, à qual podemos acrescentar, por exemplo, com base nos argumentos apresentados, passado, presente e fantasia ou pensamento, significação e expressão, em que se intercalam os elementos de cada uma e de umas com as outras, no chamado cinema de poesia felliniano. De todo modo, está posta a questão da memória, seja no trato da



Milene de Cássia Silveira Gusmão
Rogério Luiz Silva de Oliveira
Raquel Costa Santos

subjetivação dos personagens, como no filme citado; seja na identificação do/com o mundo social italiano que reforça, em outras obras (década de 1950), a atitude neorrealista do cineasta, mediadora da sua posterior afirmação estilística (anos 1960); seja, também, na transfiguração do tempo pela narrativa fílmica.

Finalizando a série de artigos relacionados a cinema, Rafael Oliveira Carvalho, em “Cinefilia na Bahia: a atuação de Walter da Silveira e a formação cinéfila”, toma a trajetória do crítico e professor Walter da Silveira, dando relevo à atividade cinéfila e cineclubista do fundador do Clube de Cinema da Bahia. Analisa como o gosto e a prática de cinema vivenciados por Walter da Silveira não significaram apenas uma experiência individual, mas um compartilhamento inter e intrageracional de aprendizados possibilitados pela valorização do cinema como expressão de arte. O autor traça um percurso biográfico de Silveira, explicitando como este contribuiu para a formação cultural de uma geração interessada em conhecer, refletir e discutir

sobre cinema, em suas diversas interfaces – estética, técnica, histórica, social, política, econômica –, tendo muitos se tornado profissionais ligados à arte cinematográfica. Em última instância, analisa a influência e relevância de Walter para uma cultura cinéfila na Bahia, nas décadas de 1950 e 1960 (e após), discutindo as bases práticas e interpretativas do que se tem por cinefilia.

Na seção Artigos Livres, o texto de autoria de Glauber Brito Matos Lacerda, intitulado “A transmissão intergeracional de conhecimentos e o *habitus*”, embora não trate especialmente do cinema ou audiovisual, não se distancia do fio compreensivo que atravessa todos os outros textos da seção Artigos, no que tange à consideração da potencialidade da triangulação entre conhecimento, pensamento e linguagem. O autor baseia-se especialmente na sociologia de Norbert Elias e Pierre Bourdieu para analisar como se relacionam as postulações desses teóricos acerca da transmissão e incorporação de saberes nas redes relacionais-simbólicas configuradas pelo eu-nós.



Milene de Cássia Silveira Gusmão
Rogério Luiz Silva de Oliveira
Raquel Costa Santos

A entrevista apresentada nesta publicação foi feita por Rogério Luiz Silva de Oliveira com dois diretores de fotografia do cinema brasileiro: Lauro Escorel e Affonso Beato, que estão entre os fundadores da Associação Brasileira de Cinematografia (ABC) e que assinam a fotografia de mais de 100 longas-metragens. É disponibilizada a transcrição, na íntegra, da conversa com os dois fotógrafos, durante a Semana ABC, realizada na Cinemateca Brasileira, de 8 a 10 de maio de 2013. Como parte do levantamento de dados de uma pesquisa que investiga a relação entre gosto e produção de padrões imagéticos, a entrevista, intitulada “O gosto na direção de fotografia”, traz questionamentos guiados pela intenção de saber quais as referências artísticas e os caminhos da formação desses profissionais e mostra-se reveladora do modo como uma geração desempenhou a direção de fotografia no Brasil.

Também inserido na relação entre fotografia, formação e gosto, o documentário *Zé Silva – uma*

fotobiografia, de autoria de Rogério Luiz Silva de Oliveira, traz uma reflexão em formato audiovisual sobre a trajetória de um fotojornalista pernambucano. Esse ensaio documental, elaborado com sons e imagens, parte de construções filosóficas acerca do conceito de memória, buscando construir uma narrativa audiovisual que utiliza como matéria-prima as lembranças e esquecimentos do fotógrafo Zé Silva. O documentário, de curta-metragem, utiliza as próprias fotografias do fotógrafo como dispositivo disparador para a apresentação de reminiscências, tanto da vida pessoal e íntima quanto do processo de formação cultural que percorreu.

No ensaio fotográfico, de autoria do estudante de Cinema e Audiovisual, Filipe Sobral, e intitulado “Sons e Fotografias”, o autor procura refletir sobre seu fazer artístico, esforçando-se por localizar as motivações e intenções que precedem o seu ato fotográfico. A reflexão textual objetiva a organização de seu pensamento, apresentado, então, em forma de imagens dotadas de afeto e experimentação técnica. Numa escrita ensaística, o estudante dá os primeiros



Milene de Cássia Silveira Gusmão
Rogério Luiz Silva de Oliveira
Raquel Costa Santos

passos no sentido de caminhar em direção a uma estruturação de sua escrita fotográfica.

Todas as reflexões deste dossiê, embora tratando de objetos distintos e com suas respectivas formas de abordagem, apontam para afinidades no que diz respeito às possibilidades de relacionarmos o cinema e o audiovisual a processos de expressão, compreensão e transmissão de conhecimentos. Em última instância, referem-se a modos de significação e ressignificação possibilitados pelo cinema/audiovisual, revelados na criação, que se apresenta aos infinitos olhares, e também nesses próprios olhares, entre o sensível e o reflexivo, como sugere o título da publicação.

Notamos, desse modo, que essas, entre inúmeras outras possibilidades de tratamento teórico-empírico, ao tomarem o cinema/audiovisual como meio, linguagem e possibilidade expressiva, tomam-no também como suporte material de memória. Assim, embora os focos disciplinares deixem entrever não apenas as fronteiras compreensivas, mas

principalmente parecem revelar o que supõem as divisões e seus efeitos sobre a produção do saber, é preponderante, de distintos modos, a potencialidade dessa relação, especialmente quando levamos em conta tanto o caráter multidisciplinar dos estudos no âmbito do cinema e do audiovisual quanto o aspecto multidimensional da memória.

Referências

- BAECQUE, Antoine. *Cinefilia*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- FLUSSER, Vilém. *Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Relume Dumará: Rio de Janeiro, 2002. Conexões.